

Imagem e som, mitos e arquétipos na sedução televisiva: a criança nas construções interativas emissor-

Angela de Faria Vieira

“A transmissão televisiva é um exemplo de um veículo no qual toda a inteligência encontra-se no ponto de origem... Em vez de pensar numa resolução mais elevada, em cores melhores ou em mais programas como o próximo passo evolutivo da televisão, imagine esse passo como sendo uma mudança na distribuição da inteligência ...

A resposta está na criação... Ela pode estar do lado do transmissor... e seus interesses,... vistos de modo mais interativo... dependendo... a inteligência está no receptor... O que queremos no futuro não será uma coisa ou outra, mas ambas”.

NEGROPONTE, Nicholas (Fundador do “Media Lab” do MIT/Massachusetts Institute of Technology. Professor de Tecnologia da Mídia). *A Vida Digital*. SP, Cia das Letras, 1995, pp 24-25.

Negroponte antecipa... com extraordinária clarividência, os próximos estágios da vida digital quando os meios de Comunicação de massa evoluirão até se tornarem um canal personalizado, com a informação circulando nos dois sentidos... Desde McLuhan nenhum outro autor iluminava de forma tão abrangente o impacto da tecnologia sobre nosso cotidiano.

... O programa interativo, a telefonia do futuro, a super-rodovia da informação, a televisão digital, as fotos-satélites, a tradução de tempo em espaço e vice-versa... Os aspectos mais relevantes da saga da informática antecipam um mundo em que a multimídia terá a função antes ocupada pela arquitetura: a de integração entre as técnicas e as artes.”

CLARKE, Arthur. In: NEGROPONTE, N. *A Vida Digital*, 1995 - contracapa.

“Une communication qui utilise des médias sophistiqués et révolutionnaires

(=télécom) qui permettent d'une part, de produire des objets virtuels; ce qui comprend entre autres le domaine de l'audiovisuel.

D'autre part, d'atteindre un public de plus en plus vaste et indéterminé (dit de “masse”) dans une relation paradoxale de distance (dépassant le face-à-face des formes traditionnelles de la communication) et de proximité (d'ou l'impression d'intimité). Elle tend enfin à susciter l'illusion d'une communauté virtuelle ou pourrait se développer une interaction entre le producteur et le récepteur.”

FURTER, Pierre. *Comunicação e Educação: Repensando Paradigmas*. Conferência. In: SOARES, I. O. *Comunicação e Educação*: parte I.

“Os alunos reconhecem o modelo socializador da televisão como meio de entretenimento e lazer barato, de informação e aprendizagem do conhecimento científico. O que comprova a minha tese de que a TV está concorrendo com a escola no processo de socialização.

... Um dos aspectos da formação da cidadania é a formação do telespectador crítico, consciente e também do consumidor e do eleitor conscientes... Há muitas práticas educativas que podem levar a formação do telespectador... educação para a mídia... integração com novas linguagens e tecnologias... a criança e o adolescente... percebem com clareza que podem ver o mundo através dela, conhecer outras culturas...

Para eles, a TV funciona como uma janela aberta para o mundo”.

BELLONI, Maria Luiza. *Nova Escola*. Entrevista. SP, Fundação Victor Civita. Ano VIII, nº 67, junho, 1993, p.19.

1. Considerações Iniciais

Convergência e divergência são **movimentos dialéticos** autênticos presentes na tensão fértil ou produtiva do saber.

A flexibilidade de pensar e tentar encontrar o implícito no explícito, o subjetivo

nas entrelinhas de enunciações reflexivas; tornar clara a obscuridade de intenções nas ações; **articular o sentido**, buscando o fundamento, a essência, o propósito e a abertura de significados em narrativas e mensagens - imagens, no silencioso do não-verbal (no velado do não dito) recorda o que nos propõe examinar JEAN LADRIÈRE, em seu trabalho FILOSOFIA E PRÁXIS CIENTÍFICA:

“No fundo, o pensamento e a pesquisa buscam silenciosa e veladamente, o sentido global da existência...”

Não existe aquisição definitiva. Toda a globalização é um movimento dialético incessante da existência”. (pp.8-9)

O sonho e a realidade, o sagrado e o profano, as aparências e a verdade, são exemplos de dialéticas diferenciadas: de origem, relação e correlação, coerência interna, forças de concepção, potencial simbólico ou de representação, manifestação e enunciação.

Escritores como BAUDELAIRE, MALLARMÉ, RIMBAUD ... criaram imagens poéticas, reunindo talentosos pensamentos simbólicos e construíram evocações e provocações (NIETZCHE) do século, do mundo oriental e ocidental, através das imagens codificadas em suas obras; suscitando sensibilidade para interpretações; para diálogos intersubjetivos só possíveis dando livre curso às percepções, analogias e ao transitar pelo imaginário.

A realidade simbólica permite explorações e exige uma relação aberta com a razão. Na vida da pesquisa, o fato científico é passível de constituir-se, num símbolo que consagre, por exemplo, uma concepção do mundo. A espontaneidade criadora favorece associações, as captações intuitivas, e a objetividade – tão exigida para a consistência cognitivo-científica – pode ganhar um elo conceitual com a compreensão (sociologia compreensiva) da **lógica dos símbolos** e das inúmeras possibilidades de conexões no interior dos mesmos, nos quais a expressividade do ato de comunicar-se é

por excelência dialética, “pulsa” no jogo das formas e na complexidade da apreensão: na velocidade da reciprocidade emissão-recepção.

Contextualizando: símbolo e imagem na mídia contemporânea explicam a fórmula bem-sucedida da construção mítica pós-moderna e polivalência de repertórios, além da exaustão (e até com confusão) mental do indivíduo e no grupo.

Iniciar um estudo crítico sobre um meio massivo como a **TELEVISÃO**, que tem sido uma *mídia* na *vitrine acadêmica atual*, impõe que se pondere acerca dos *referenciais de análise adotados*.

Num mundo *sonoro* e *visual*, repleto de apelos eletrônicos (videogames, computadores...) é evidente a crescente aplicação de **linguagens** (escrita, sonora, dramática, corporal, cinematográfica, etc.), de símbolos e de **expressões** que estimulam as **percepções**, os **sentidos**, e a **criatividade**, particularmente da criança.

“*Velhos*” problemas se **estendem e ampliam** na realidade histórico-concreta mundial da atualidade, das **globalizações** (econômico-políticas, comunicacionais-informacionais).

Repensar antigas preocupações (se for levado em conta que a **televisão** iniciou sua trajetória nos anos 50, no Brasil), em contextos emergentes desafiadores da sociedade, da cultura, da educação, das tecnologias; as **análises** (que se edificam e socializam) devem servir ao propósito de **clarificar** prismas de investigação, e de construções de referências existenciais ou humanas.

Todo debate nos impõe e expõe ao dinamismo intelectual, *que se imagina* capaz de *transformar* inquietações (ou angústias) no caso educacionais e comunicacionais; pelas possibilidades de *elucidações*, decorrentes de um envolvimento (factual) com o cotidiano sócio-pedagógico de um grupo social.

Ao indagar sobre possíveis caminhos ou tendências, vivificando o universo das pesquisas, ao perguntar inclusive, sobre o **futuro**, a **reflexão-ação** vai apoiando o compromisso de (re) pensar a educação e a comunicação no Brasil e no mundo. Porém, impõe-se a “*derrubada de muros*” ou a *retirada de “máscaras”*, das posições *inquietadas, a priori*, que tanto dificultam colocar em cena novas proposições inteligentes ou quaisquer trabalhos criativos de superação de dificuldades educacionais. Existem “medos cristalizados” acerca das realidades

televisivas e da vulnerabilidade infantil para decodificar: os mitos heróicos ou os mitos vilões, nos arquétipos dos contos narrativos e dos símbolos-mensagens da TV, com conteúdos de ordem valorativa, emissão de signos estéticos da moda e do belo, apelos ao consumo e tudo apresentado numa aura de “conto de fadas” e/ou de máxima violência.

“*A televisão tem um impacto óbvio nas crianças.*”

As crianças realmente prestam atenção nos comerciais e aprendem com eles.

À medida que crescem, as crianças adotam novas definições para a realidade televisiva...

...A televisão pode ser um meio... para ensinar às crianças o mundo real”.

GREENFIELD, Patrícia Marks (1988, pp.53-54).

Pontua THEODOR W. ADORNO num dos seus trabalhos balizadores: “**TELEVISÃO, CONSCIÊNCIA E INDÚSTRIA CULTURAL**” (in COHN, Gabriel):

“*Os aspectos sociais, técnicos e artísticos da Televisão não podem ser tratados isoladamente. São amplamente interdependentes... Só a inocência impotente permitiria não levar em conta...efeitos também dependentes das mensagens abertas ou ocultas transmitidas aos espectadores pelas produções da televisão. O próprio meio de comunicação, contudo, insere-se no âmbito do esquema abrangente da indústria cultural...*”

...A televisão permite aproximar-se da meta, que é ter de novo a totalidade do mundo sensível em uma imagem que alcançará todos os órgãos, o sonho sem sonho; ao mesmo tempo permite introduzir furtivamente na duplicata do mundo aquilo que considera adequado ao real. Preenche-se a lacuna que ainda restava para a existência privada antes da indústria cultural, enquanto esta ainda não dominava a dimensão do visível em todos os seus pontos... uma manifestação da indústria cultural, os seus veículos se articulam...

...É somente no conjunto de todos os procedimentos mutuamente afinados e contudo divergentes quanto à técnica e ao efeito que se torna o clima da indústria cultural...

Quanto mais completo o mundo como aparência, tanto mais inescrutável a aparência como ideologia...

... Por enquanto, o formato miniatura das pessoas na tela seria apto a impedir a habitual identificação e heroificação. Aqueles que ali falam com voz humana são anões. Dificilmente são tomados a sério...

joguetes para a percepção inconsciente... o espectador: os sente como propriedade, da qual pode dispor e em relação à qual se sente superior... nesse ponto há uma ligação entre televisão e as historietas em quadrinhos (funnies), aquelas séries de imagenzinhas de aventura semicaricaturais... Os produtos da indústria cultural... recordam a ilusão da vida duplicada... O mundo sem lacunas de imagens torna-se quebradiço... o público pouco se deixa perturbar... crescerá a suspeita de que a realidade à qual se serve não é aquela que pretende ser... TV... cinema doméstico... fortalecerá uma tendência da indústria cultural como um todo... diminuição da distância entre o produto e o espectador; no sentido literal e figurado... As imagens... Elas devem dar brilho... ao cotidiano cinzento... A fronteira entre a realidade e a imagem torna-se atenuada para a consciência”. (pp.346-348)

Está em cena uma reflexão sobre a vida imaginativa, sobre o uso abusivo de símbolos condensados em imagens-força, na expressividade de luz e som, no espetáculo arquetípico que a TV é capaz de promover, num fascínio exterior que vai sendo introjetado na psique infantil.

2. Pressupostos

Alguns **pressupostos** já se apresentam no estudo da temática proposta, e podem ser identificados:

1 - A **televisão** tem um **poder de influência** sobre o espectador infantil, pela **tipologia semiológica** da mídia que a caracteriza:

- **imagem** atraente e colorida;
- **som**: interlocução com vivificação de mitos, ritos e arquétipos;
- programação diversificada, fortemente calcada no eixo: **entretenimento**;
- apresentação de **símbolos** de grupo da faixa etária da criança;
- **exploração** da criatividade imagética para incentivar desejos, **sonhos** e criar motivos (de consumo), emitindo mensagens que se completam no **imaginário**;
- o **tempo de exposição** é uma variável; pois a **programação é contínua**: é ligar - desligar - religar.
- a **influência-persuasão** está na razão direta do uso do veículo em estruturas familiares fragilmente dialógicas.

2 - A **complexidade** do meio social enfraquece tradições culturais e exige flexibilidade grupal para estabelecer **novas uni-**

dade simbólicas, que definem parâmetros existenciais e de exercício da cidadania, resultantes das mutações globais, do “**espírito do tempo**”.

Assim os *mass media*, como a TELEVISÃO, devem ser potencializados e/ou canalizados para as metas humanas urgentes e/ou emergentes como:

- a **alfabetização social**: construir a idéia, a imagem que proporcionem práticas interativas pela cosmovisão (em formação) da criança e do adolescente nos seus âmbitos de vida, de realidade.

- através dela estabelecer DIÁLOGOS em **contextos vivenciais**, que neutralizem os efeitos da indústria cultural, pela CONSCIÊNCIA de ser pessoa, pelo acesso às informações, pela educação; numa era da imagem, que resgata a palavra e a escrita vivificando o **fundamento da civilização**, sem alienação (CARNEIRO LEÃO relatando a experiência da UNESCO na Índia, recordando o conto de sagas narrado por MACLUHAN, sobre a penetração das tecnologias numa aldeia humana é exemplificador da mudança profunda de hábitos, do empobrecimento dos encontros e da falência ritualística da vida social (1977, pp. 158-160). E criativamente concebendo, integrações tecnológicas podem gerar realidades com significação num espaço social, de onde emerge e para o qual retorna a decodificação crítica elaborada.

3 - O **Potencial teleeducativo** consiste em poder educar com a sociedade, repensando as instâncias e metodologias de educação formal e explorando os recursos da educação assistemática, capaz de atualizar o educador-professor para compartilhar da dimensão histórico-concreta, da sua época.

4 - A **criança possui recursos pessoais** (acuidade, imaginação, inteligência, criatividade, sensibilidade...) para amortecer efeitos ideológicos de programações e evitar tornar-se, por exemplo, um consumidor ávido. Entretanto, não ignora-se que tal premissa precisa ser contextualizada e aprofundada em realidades sociais de classe, gênero... Porém, a família, os diferentes grupos, e a escola, têm um papel fundamental: incentivar uma educação para a **leitura crítica do meio-mensagem**, apoiando a **abertura do olhar** e a **liberação saudável do imaginário infantil**, auxiliando a criança a constituir-se como pessoa.

3. O Olhar, a Imagem e o Imaginário: a Criança na TV

“A visão é antes de tudo um sentido

espacial. Mas os fatores temporais afetam muitíssimo, por três razões principais:

1 - A maioria dos estímulos visuais varia como duração, ou se produz sucessivamente.

2 - Nossos olhos estão em constante movimento, o que faz variar a informação recebida pelo cérebro.

3 - A própria percepção não é um processo instantâneo; certos estímulos da percepção são rápidos, outros muito mais lentos, mas o processamento da informação se faz sempre no tempo...

A **imagem** tem inúmeras atualizações potenciais... aos sentidos... ao intelecto... poder que certas palavras têm de “produzir imagem”... multiplicidade de sentidos... as que possuem forma visível, AS IMAGENS VISUAIS... modalidade particular da imagem em geral... seu objeto adota deliberadamente o âmbito da generalidade; examina sem esquecer suas diferenças o que é comum a todas as imagens visuais, quaisquer que sejam sua natureza, sua forma, seu uso, seu modo de produção... a **PEDAGOGIA DA IMAGEM**, pareceu-me cada vez mais evidente... a pintura, a fotografia, o vídeo... ao destino das imagens em geral em nossa sociedade... **civilização da imagem**... um mundo onde as imagens são cada vez mais numerosas, mas também cada vez mais diversificadas e mais intercambiáveis... As passagens de imagens são cada vez mais numerosas... nenhuma categoria particular de imagem pode atualmente ser estudada sem que se considerem todas as outras... fatores situacionais (contexto social, contexto institucional, contexto técnico, contexto ideológico)... regulam a relação do espectador (aquele que olha a imagem) com a imagem... Que relação ela estabelece com o mundo real? Como ela representa? Quais são as formas e os meios dessa representação, como ela trata as grandes categorias de nossa concepção do real... que são o espaço e o tempo? E também, **como a imagem inscreve significações?**

A **imagem representativa**... costuma ser uma **imagem narrativa**... a narrativa é definida... como conjunto organizado de significantes, cujos significados constituem uma história... veicula um conteúdo, a história... se desenrola no tempo... a narrativa é um ato temporal... (mas a imagem não é temporalizada)... qual é a relação entre o tempo da narração e o tempo da imagem?

AUMONT, J. **A imagem**. Campinas, SP. Papirus. 1993, pp 13-15, 31, 244-245.

EURASQUIM cria o neologismo: **Teledependentes**.

FREUD aprofunda estudos dos **instintos** e do inconsciente, examinando imagens oníricas inclusive; JUNG dimensiona o processo da individuação humana e valoriza a subjetividade legando-nos fundamentos úteis, para aplicação hoje, nas idéias de **sedução televisiva** e do **imaginário**, no “**inconsciente coletivo**”.

A análise transacional, a psicanálise, o humanismo rogeriano entre outras correntes destacam elementos capazes de apoiar observações dos **processos de identificação** humanos com os MITOS, RITOS e ARQUÉTIPOS na função de telespectadores com os personagens televisivos.

Filósofos, teóricos da comunicação, teóricos da aprendizagem e do comportamento, educadores, e receptores leigos, TODOS cooperam emitindo suas reflexões sobre a fenomenologia da mensagem (som e imagem) da TV.

Décio Pignatari, na obra **Signagem da TV**, recorda que há uma tendência geral para a crença de haver por trás de um signo, um significado, mas comenta que quando se vai em busca do “tal” significado geralmente encontram-se outros signos.

“A **televisão** é um veículo de veículos, é um grande rio com afluentes... Quanto à imagem, desaguardam na TV: o desenho, a pintura, a fotografia e o cinema. A literatura escrita é um rio subterrâneo, está por baixo de toda narrativa...”

As **formas audiovisuais** e as suas articulações no espaço e no tempo montam a sintaxe da linguagem televisual.

...O **signo sintagma televisual** é um complexo **intersigno**, cujos paradigmas poderiam ser: **imagem crítica/som/fala**... seu modo técnico de produção... lhe confere especificidade... emissão direta, a **televisão** é impressa em imagens eletroeletrônicas, magnéticas (o cinema em imagens óticas)... **principal medium icônico de nosso tempo**.” (p. 15-16).

Uma breve **compreensão semiológica da TV** auxilia a coordenar idéias sobre o **mosaico**, que se apresenta na linguagem televisual.

A **televisão** pode proporcionar utilizações enriquecidas, quando acopladas ao vídeo, por exemplo. Interessantes e úteis, sobretudo, para o uso educativo, podendo haver uma exploração de suas possibilidades e limites como um meio informativo, pelo professor e seus alunos, no contexto da sala de aula.

A exploração de códigos e significados

múltiplos audiovisualmente, transforma progressivamente o sistema escolar clássico, ainda muito apoiado no discurso verbal-escrito.

A imagem pode proporcionar lazer e incentivar uma *atenção lúdica do aluno* no espaço da vivência educativa, e na *assimilação de conteúdos*.

A *relevância maior do meio* parece ser a de **apoiar o sistema comunicativo da aprendizagem e das trocas interpessoais**, capazes de fomentar o *diálogo* e a **produção criativa do estudante**, principalmente **da criança**.

A *extensão do olhar infantil lúdico* é a interatividade com a programação que a criança elegeu na televisão para: *rir, brincar, jogar e ter novidades para contar na escola, em casa...* integrando-a nos repertórios da sua época (a já mencionada **civilização da imagem**). A criança tem características, motivações e interesses próprios: *“Vê com o coração”*, pois ... *“O essencial é invisível aos olhos”*. EXUPÉRY, A. (O Pequeno Príncipe).

Muito frequentemente, “viaja” com seus personagens, na imaginação, no *faz-de-conta*, mas se for encorajada a refletir, “separa o joio do trigo”.

O mundo infantil é por excelência interativo e integrador, e tudo, todo dia é um apelo ou convite ao CONHECER, a descoberta.

O mundo, a percepção, os signos e a *gestalt* dos adultos são mais complexos.

A sofisticação tecnológica prolifera *redes de transmissão/comunicação*. Criam-se milhões de terminais de computadores, numa *infra-estrutura informacional gigantesca*. O vocabulário das adjetivações também se amplia: *telemática, canais globais, Edu-tainment*, (Educação e Entretenimento), *Telegênsia*.

“Por meio destes deslizes semânticos, os conceitos e os termos que os designam se transformam em verdadeiros coringas polissêmicos, que os seus usuários combinam com as demais partes de seus discursos da maneira que lhes parecer mais conveniente para seus propósitos persuasivos.”

EPSTEIN, Isaac. (**Telemática e Modernização**). S. Bernardo do Campo/SP. Rev. Comunicação e Sociedade. Ano XII - nº 21, pp. 16-17). Alerta o pesquisador. Entretanto:

“A imaginação... é um ato mágico”.

SARTRE, Jean-Paul. (1996, p.165).

A **criança** está no mundo com facul-

dades de consciência, muito particular, ela utiliza os seus repertórios, integralmente, são simples e mágicas *“consciências imaginantes”*. O sonho é uma imagem-força densa de *significados sensíveis* de realidades interiores, presente no ato imaginante. A qualidade da percepção de uma imagem, pelo telespectador infantil, está diretamente relacionada aos seus **constructos**, ao espaço, ao tempo, ao mundo real ao qual pertence - que lhe fornece referenciais e determinações para localização e valoração de estímulos-mensagens recebidos.

O fluxo da consciência é uma realidade individual. O apelo de uma programação pode evocar instâncias de irrealidade, no ato de imaginar da criança. Mas não significa dizer que o mundo imaginário é isolado. No *conto de fadas*, a literatura tem explorado ambigüidades, medos, preconceitos... ao longo da história.

A **criança** na sua individualidade, possui potencial para identificar contradições, equívocos, e até distorções de imagens. Apoiada, por uma educação, estimuladora da leitura crítica dos meios massivos, a influência da TV sobre o seu comportamento não deverá ser tão temida, ou pelo menos, estará em contrução o **processo de acompanhamento** desejando diminuir impactos sobre o seu comportamento.

A **liberdade para vivenciar uma situação não pode ser “esquecida”**, pois é fundamental **liberdade pessoal** para a organização interior, da representação, da concepção da imagem, da manifestação da imaginação, apoiando também a revelação (ou o progressivo desvelamento) do ser, da estrutura ontológica fundamental, em formação. O alerta de SARTRE evoca:

“A imagem, bem mais do que a sensação, é a fonte da ilusão da imanência, sem nos darmos conta, pensamos que a imagem está na consciência, transformando esta última num lugar, povoado de pequenos simulacros”.

SARTRE, Jean-Paul. (1996, p.6)

E seqüencia-se com BYINGTON:

“Temos que admitir que o conhecimento da realidade e o seu ensino são sempre relativos e que a fusão sujeito-objeto que expressa a realidade profunda é uma coisa só, a qual não temos olhos para ver nem raciocínio para pensar. Temos que assumir com humildade nossa condição de passageiros íntimos na viagem eterna-infinita do universo.”

BYINGTON, Carlos Amadeu B. (1996,

p. 37).

Sendo o **símbolo** uma unidade da realidade psíquica, que define formas-mensagens sobre o mundo, parece ser através da experiência existencial de **conhecer/aprender**, que o TODO da vida de relação, inclusive, O TODO CÓSMICO ou UNIVERSAL, manifestar-se-á a juventude de modo, *subjetivo e objetivo*, formando crianças e adolescentes com INTELIGÊNCIAS ATIVAS e capazes do exercício dinâmico de decodificação das tipologias culturais presentes nos **sistemas** instituídos pelo homem.

“O timing da interação passivo-ativo do educador com o aluno, na elaboração simbólica, é uma parte essencial da arte de ensinar.”

BYINGTON, Carlos Amadeu B. (1996, p. 21).

Os **arquétipos** já se apresentam como padrões no processo de elaboração simbólica, surgem com eles *polaridades*: Bom ou Mau? Belo ou feio? Herói ou vilão?

As **bipolaridades arquetípicas** permeiam a programação televisiva, e respondem largamente pelo *poder de fascínio*, pela ativação da energia psíquica, incentivando o telespectador a pensar ou a se decidir por uma *polaridade*.

Através dos arquétipos, elementos da cultura de um povo se apresentam. O arquétipo patriarcal, o arquétipo matriarcal, o arquétipo da alteridade (anima e animus), o arquétipo da totalidade. O diálogo entre mito e psique inspira roteiros “luminosos” e imagens cheias de perspectiva que a mídia utiliza.

Há uma historicidade na *coordenação arquetípica da cultura*, que a TV explora através da veiculação dos programas. Ao ativar símbolos um dinamismo se instaura, vivificam-se facetas de harmonia, conflito, ou puro lazer, aos olhos do telespectador infantil; pois vários mitos culturais explicam fenômenos naturais e representam atividades humanas universais *transculturais*.

As diferenças, as desigualdades individuais e coletivas “saltam” aos olhos na TV.

E um lembrete histórico situa a idéia de “ver” desigualdades:

“Nada mais injusto do que rotular de iguais, seres diferentes”.

RUI BARBOSA. (In BYINGTON)

A **televisão** pode evocar um **construtivismo sistêmico simbólico** apoiando a crian-

ça na *construção dos significados*, em sua totalidade, em meio aos apelos massivos e à diversidade, realizando na tela o que Stephen Larsen chama de “*psicomitologia da vida cotidiana*”.

A *imagem da criança* é *insinuante e terna*. Os anúncios da PARMALAT que o digam! Os bichinhos sugerem *natureza e pureza*, e, o produto: *leite*, tem sido o alimento natural dos mamíferos. *Publicidade* com gosto de infância: atraente e envolvente. Nos *desenhos*, existem distorções de conteúdos, recordando: “Os Cavaleiros do Zodíaco” - a luta permanente entre a causa heróica do bem, e a vaidade pelo poder do mal, *cintilam* aventuras no olhar da criança que se *embrenha* na *saga greco-japonesa-americana*. Mas não chegam a causar danos! As crianças liberam a fantasia e dão trabalho ao seu esquema corporal, quando *imitam os rituais do lutar*. A violência no desenho é *caricatural* e libera energia pessoal, num ensaio teatral. A *ficção* gera uma forma de “*energia radiante*” (EINSTEIN, A.), com todas as caricaturas, que merecem críticas severas ao olhar do telespectador adulto, porém há potencial para exploração educativa ou aproveitamento pedagógico com leitura crítica.

Nas *telenovelas*, como a MALHAÇÃO, *criança é signo de pós-modernidade*. No falar com gírias, no agir com gingas, nas artimanhas de grupo (as bolações, os truques, os planos...) porém esbanjam saúde... *malhando* (fazendo muita ginástica, apelo CORPORAL).

As *TV's educativas* já são o porta-voz autorizado das *consciências críticas*, das necessidades de *dialogar* com *encanto e qualidade* com a criança: “*Castelo Ratinhum*”, em SP, na TV Cultura é uma expressão do bom trabalho e de uma produção comprometida com cultura-educação-lazer.

A experiência que uma *criança-ator* vivencia de uma realidade de *emissor*, ao participar de produções na TV, coloca-a “por dentro” da máquina de criação de *mitogemas* (elementos míticos da psique e dos sonhos). O que ela vê? Construir um *espetáculo*... dá muito trabalho! E, esta, deverá ser um *receptor mais consciente*: pois conhece o processo e participa da construção.

O processo dialético faz pensar, os *Socráticos* indagavam didaticamente. Assim, pergunta-se:

- **Quem** reflete e produz o que a sociedade vai CONHECER? E conhece?

- **Conhecer** através da mídia é legitimar os parâmetros da indústria cultural, sempre?

- Há, factualmente, **interatividade** entre receptor e emissor, no jogo de sedução de imagens, cor e som da televisão, como ela hoje se apresenta?

- Onde reside o potencial da **violência filmica tão explorada**, pelos níveis altíssimos de audiência conseguidos pelas emissoras?

- Na **construção simbólica**, a criança recria imagens dos mitos e arquétipos veiculados visualmente pela TV, e faz deles (quando da decodificação) o seu patamar para *olhar o mundo*? De modo permanente? Ela é teledependente realmente?

- O **potencial teleducativo da TV** pode ser largamente aproveitado para **alfabetizar socialmente o cidadão**, desde a mais tenra idade. Mas, **há uma pedagogia simbólica que apoie a construção de uma pauta crítico-educativa olhando para o futuro?**

- **Qual o homem? Qual o cidadão** que a sociedade brasileira quer formar face a realidade da globalidade das linguagens, expressões, imagens e sons das mídias, particularmente, da **televisiva**?

- *Qual a unidade existencial* buscada na TOTALIDADE PLURAL, *do mundo atual*, a ser *privilegiada* em *novos estímulos*, ao *olhar lúdico da criança brasileira*?

- A fome, o desemprego, a falta de moradias, os abandonos... noticiados nos **telejornais**, terão linguagem educativa, além da informativa? Quais as *novas* imagens das mazelas humanas, e o tratamento sócio-semiológico que a TV dará? E ela deverá dar?

Tais preocupações de natureza sócio-educacional-comunicacional e as recentes idéias divulgadas por EDGAR MORIN, podem elucidar um quadro mais amplo, dos desafios impostos à sociedade e à **mídia**.

“*A percepção da complexidade é a tentativa de compreender um assunto no contexto do qual ele faz parte.*”

... *Conhecemos as coisas em seus setores definidos, mas somos incapazes de religá-las a seus contextos. Disso resulta uma inteligência extremamente míope, que só vê um pequeno fragmento, e isso é mais grave porque vivemos numa época marcada pelo... desenvolvimento da era planetária, o que hoje chamamos de globalização.*

... *Nós pensamos por muito tempo todas as coisas e todas as ações humanas isoladas do meio ambiente, da biosfera e, como consequência, à degradação da qualidade de vida... Daí haver uma necessidade de reformar a educação... APRENDER A*

RELIGAR... Na escola, por exemplo... É preciso estabelecer uma ligação entre essas ciências... (gramática, matemática, história, ciências naturais) salientando o que nos diferencia, isto é, a cultura, a linguagem humana, a consciência... Proponho um certo número de princípios que permitem desenvolverem pensamento que integra os saberes... O que se pode fazer é uma sociedade melhor. É uma possibilidade, não uma certeza.

Temos uma tarefa histórica, política e educativa de grande importância.

... *Não basta ser sociólogo para ter meios de resolver os problemas de um país gigantesco e complexo como o Brasil... um problema contraditório... por um lado... prosseguir no desenvolvimento econômico e tecnológico, e, por outro... lutar contra os efeitos nefastos desse desenvolvimento, como a qualidade do ar e do meio ambiente.*”

MORIN, Edgar. (Jornal O GLOBO. Entrevista. Quarta-feira, 16/10/96).

A teoria do pensamento complexo de MORIN, é evocada aqui para apontar a afinidade da abordagem do presente ensaio que focaliza através da TV, a cultura de massa e os seus efeitos sobre um público específico: o infantil. Um pensador com um lastro de vivência e reflexão *constrói*, com a expressão **religar** (do repertório da mídia televisiva, inclusive) a sua tese da **integração dos diversos saberes** capazes de apoiar um projeto de **sociedade humana** (sem modelos pré-estabelecidos) **mas pacífica e solidária** num **resgate da qualidade de vida** da pessoa, no planeta.

Quando desenvolvi um projeto de pesquisa na UERJ (contando com a participação da pesquisadora Denise Oliveira e dos bolsistas Marcelo Natividade e Wagner Fernandes) intitulada: “CONHECIMENTO, CULTURA E PÓS-MODERNIDADE: A INFLUÊNCIA DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA NOS BACHARELADOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL” (título final que substituiu o inicial: A INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA UNIVERSIDADE) divulgamos os resultados parciais (Revista LOGOS: Comunicação e Universidade, nºs 2 e 3, FCS/UERJ, Rio de Janeiro), que soam como um *diálogo (complementar)* ao que MORIN enuncia. *Rastreamos modos de conhecer em Ciências Humanas e Sociais*, através de pesquisas cadastradas na UERJ, com a aplicação, inclusive, de um questionário (colaboração do Laboratório de Pesquisa de Opinião/FCS).

A transversalidade dos conteúdos é complexa, e as metodologias que apoiem o **conhecer transdisciplinarmente** ainda estão em construção. A persuasão das mensagens da comunicação massiva, hoje, evidencia a importância de tal modo de CONHECER e DECODIFICAR: **plural, transversal e transdisciplinar**.

As realidades concretas deparam-se com as **realidades virtuais** que simulam a vida cotidiana, e as **Ciências da Educação** não devem permanecer, de modo restrito, na cultura escolar pois na **órbita da cultura de massa** os níveis de influência social são amplos e desafiadores. A **criança** vive e cresce numa realidade histórico-concreta, que referencia: **espaço, cultura, cidadania, sociabilidade**, enfim, **valores e modos de estar no mundo**. Trabalhar com os **processos de aprendizagem** mediante as formas sofisticadas de COMUNICAÇÃO, hoje, exige que se (RE)LIGUE O PENSAMENTO de modo CRIATIVO, INTELIGENTE e ABERTO para acompanhar e transformar as **forças e formas emergentes** dentro do processo histórico cultural (contextualização) numa **construção e avaliação permanentes e autênticos**, na (e com a) sociedade civil ou pública. (Já antevia tal quadro, o suíço PIERRE FURTER, da Universidade de Genebra, quando estudava os SISTEMAS DE FORMAÇÃO E SEUS CONTEXTOS, nos anos 80).

A CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA parece ser a chave-mestra do processo pedagógico (informacional-comunicacional) das sociedades contemporâneas, mas devemos ainda, auscultar os ETNO-CONSTRUTIVISTAS através dos seus trabalhos, como: *A Alfabetização do Povo da Floresta YANOMANA*, da antropóloga-alfabetizadora Maria Edna Brito. É assunto para aprofundamento e desdobramentos em outros trabalhos (com parcerias, inclusive, para um tratamento analítico responsável e cuidadoso).

Por tudo, então, MITOS, RITOS e ARQUÉTIPOS são ingredientes incontestáveis da fórmula atraente e inteligente da **sedução televisiva**, que se expande, completa e irradia no simbólico e no imaginário infantil, e que as IMAGENS televisivas tão fortemente conseguem evocar.

Angela Faria de Vieira

• Prof^a de Graduação e Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social

da UERJ e da Especialização em Metodologia do Ensino Superior da Faculdade da Cidade/Rio. Doutoranda em Ciências/Comunicação do Programa de Estudos Interdisciplinares da ECA/USP.

Nota

Originalmente o artigo foi um ensaio apresentado no I Simpósio Brasileiro de Televisão, Criança e Imaginário, promovido pelo Laboratório de Pesquisas sobre a Infância, Imaginário e Comunicação/LAPIC da ECA/USP, outubro, 1996, na FEUSP (Faculdade de Educação da USP).

Bibliografia:

1. ADORNO, Theodor W. Televisão, Consciência e Indústria Cultural. in COHN, Gabriel.
2. AUMONT, Jacques. A Imagem. Campinas, SP, Papirus, 1993.
3. BAUDRILLARD, Jean. O Sistema dos Objetos: Semiologia. SP, Perspectiva, 1993.
4. BRITO, Maria Edna de. Etno Alfabetização YANOMANA: da Construção Oral à Escrita. Relato de um Processo Construtivista entre o POVO DA FLORESTA. Canadá, Fundo da Embaixada, MAPI/USP; NEPO/UNICAMP; MEC/BRASIL. 1995. pp 125.
5. BYINGTON, Carlos Amadeu B. Pedagogia Simbólica. RJ, Record, 1996.
6. CARNEIRO LEÃO, E. Aprendendo a pensar. Petrópolis, Vozes, 1989.
7. EPSTEIN, Isaac. Telemática e Modernização. SP, Rev. Comunicação e Sociedade. Ano XII, nº 21, pp. 16-17.
8. FAUSTO Neto, Antônio. O Impeachment da Televisão. RJ, Diadorim, 1995.
9. GARDNER, Howard. As Estruturas da Mente. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.
10. GREENFIELD, Patrícia Marks. O Desenvolvimento do Raciocínio na Era da Eletrônica: Os Efeitos da TV, Computadores e Videogames. SP, Summus, 1984.
11. HOINEFF, Nelson. A Nova Televisão: Desmassificação e o Impasse das Grandes Redes. RJ, Relume/Dumará, 1996, 181 pp.
12. HUSSERL, E. Elementos de Uma Elucidação Fenomenológica do Conhecimento. SP, Abril, 1980.
13. LARSEN, Stephen. Imaginação Mítica: a busca do significado através da mitologia pessoal. RJ, Ed. Campus, 1991.
14. LÉVY, Pierre. As Tecnologias da Inteligência. O Futuro do Pensamento na Era da Informática. RJ, Ed. 34, 1993.
15. LYOTARD, J. F. O Pós-moderno. RJ, José Olympio, 1988.
16. MINAYO, M. C. de S. O Desafio do Conhecimento. SP, Hucitec/Abrasco, 1993.
17. MORAN, José Manuel. Educar pela Comunicação: A Análise dos Meios na Escola e na Comunidade. SP, Rev. Comunicação e Sociedade, Inst. Metodista/IMS; ano IX, nº 16, julho 1989.
18. _____ . Leitura dos Meios de Comunicação. SP, Pancast, 1993.
19. NEGROPONTE, Nicholas. A Vida Digital. SP, Cia das Letras, 1995.
20. OLIVEIRA, Vera Barros de, et alii. Avaliação Psicopedagógica da Criança de Sete a Onze Anos. RJ, Petrópolis, Vozes, 1996.
21. PACHECO, Elza Dias (org.). Comunicação, Educação e Arte na Cultura Infante-Juvenil. SP, Loyola, 1991.
22. PIGNATARI, Décio. Signagem da Televisão. SP, Brasiliense, 1984.
23. PORCHER, Louis. A Escola Paralela. Lisboa, Horizonte, 1974.
24. RECORDER, Maria José et alii. Informação Eletrônica e Novas Tecnologias. SP, Summus, 1995. v. 58. 1995.
25. SARTRE, Jean-Paul. O Imaginário. Psicologia Fenomenológica da Imaginação. SP, Ática, 1996.
26. SODRÉ, Muniz. O Monopólio da Fala: função e linguagem da televisão no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1984.
27. TILBURG, J. L. Van. Para uma Leitura Crítica da Televisão. SP, Paulinas, 1984.
28. VIEIRA, Angela de Faria. A Teleducação no Processo Educativo. Monografia de Mestrado. RJ, UERJ, 1983.
29. _____ . A Atualidade do Pensamento de Alvin Toffler e Marshal MacLuhan: Ondas Globais como Extensões do Homem. RJ, UERJ, Rev. Logos, nº 3, 2º sem. 1995.
30. VALLA, V. V. e STOLTZ, E. N. Considerações Metodológicas. In Participação